

TRIBUNA Livre

26
SETEMBRO
1959

SEMANÁRIO DE CRÍTICA E ACTUALIDADES

EDITOR: PAULO BARBOSA DE MACEDO

DIRECTOR: ANTÓNIO JOSÉ DA COSTA

PROPRIEDADE: IRMÃOS BARBOSA DE MACEDO

COMPOSIÇÃO, IMPRESSÃO E REDACÇÃO: LARGO DO DR. OLIVEIRA SALAZAR-TEL. 62113 - AMARES

BACHARELITE

—por Militão Porto—

Há tempos que se verifica uma epidémica doença no nosso país: a Bacharelite.

De facto, e infelizmente, todos os país, mormente aqueles que pode dizer-se serem os ricos actuais, perdem o seu tempo em conjecturas para formar os meninos, na intenção de que eles amanhã sejam os senhores doutores, título assaz dignitário nos tempos idos.

Hoje, o doutor é qualquer empregado público que conseguiu mercê dos pedidos do papá ingressar em diversos organismos oficiais, com um ordenado irrisório e a preponderância doutoral sobre outros tarimbeiros nos mesmos organismos que vêm a saber mais que eles.

Outrossim se dá com os indivíduos que têm um curso e que se não podem chamar doutores mas que obtêm outros títulos altissonantes. E, então, surge no ambiente cul-

Foram instituídas duas novas corporações

A da Imprensa e Artes Gráficas e a dos Espectáculos — Não deviam estas ser incluídas na Corporação da Indústria pela sua categoria especial, segundo declarou o Ministro das Corporações

Lisboa, 22 — (ANI) — Duas novas Corporações foram instituídas, tendo o Ministro dr. Veiga de Macedo feito a comunicação ao país pela Rádio e pela Televisão.

Trata-se das corporações da Imprensa e Artes Gráficas e dos Espectáculos.

Amplia-se, largamente, a posição de direito das actividades agora integradas no plano da mais alta categoria da organização corporativa — a Corporação.

O Ministro acentuou ter o Governo resolvido — contra o parecer da Câmara Corporativa — não incluir as actividades da Imprensa e das Artes Gráficas e dos Espectáculos na Corporação da Indústria, uma vez que se trata de valores de carácter especial, nos domínios da Cultura.

Acentua-se, igualmente que "não existem entre a Imprensa e as artes gráficas, por um

(Continua na 4.ª página)

tural do nosso tempo e no nosso país o relatório da Associação Industrial Portuense que se torna edificante. Lido e apreciado devidamente verifica-se este acerto, *desacertado* dos dirigentes da Indústria nacional:

«A Indústria continua em dificuldades com a falta de mão de obra especializada e de técnicos qualificados, principalmente de desenhadores e carpinteiros de moldes, falta essa cada vez mais agravada com a emigração dos que partem para *procurar melhores condições de vida noutros países*».

A quem cabe a culpa? — perguntamos. Aos próprios industriais. São esses que sem cuidar do futuro da sua Indústria se lançam no desaforo da «bacharelite» e sofregamento aspiram a que um filho seja o senhor doutor. Não cuidam de saber que espécie de bacharelato o rapaz irá tirar. Pode ser advogado, médico, ou qualquer outra coisa. O que é preciso é que seja tratado como doutor. E, feito o curso, o rapaz regressa a casa, monta um consultório, um cartório ou coisa parecida e abandona a carreira do pai: a indústria.

Depois? Depois lê-se nos relatórios das associações da especialidade arrazoados como o que transcrevemos acima.

Quanto à emigração ela tem também a sua quota parte na indiferença com que são tratados os nossos operários por parte do patronato. Pode

(Continua na 2.ª página)

Notas biográficas e bibliográficas de Manuel de Boaventura

por Jerónimo de Castro

Manuel Joaquim de Boaventura, que usa o nome literário de Manuel de Boaventura, nasceu em Vilachã-Espozende, em 15 de Agosto de 1885. É filho do abastado proprietário e professor primário, Albino Augusto Dias de Boaventura e de D. Balbina Gonçalves do Vale, já falecidos.

Aos cinco anos, após o falecimento de sua mãe-1890-acompanhou seu tio Manuel Inácio (pai dos jornalistas Armando Boaventura e Octávio

Sérgio) que fora colocado em Peniche, como professor complementar e maistarde, graças aos seus méritos de abalizado matemático, escolhido, «para reger essa cadeira, nas Escolas do Magistério de Leiria e Normal do Porto».

Fez o seu exame de instrução primária, em Leiria, em 1898. Frequentou os primeiros anos do Liceu de Guimarães e voltou para Leiria, onde se diplomou para o Magistério no ano de 1904, já

depois do falecimento de seu pai, ocorrido em 1901.

A sua aldeia natal, que mais tarde havia de ser seleccionada para a escolha da «aldeia mais portuguesa de Portugal», é rico repositório de tradições e de velhos usos e costumes. Regressado ao Minho, logo em 1904, começou a dedicar-se aos estudos folclóricos e à recolha de lendas, romancilhos e contarellos, que andam na boca do Povo. Um desses contos sentimentais deu-lhe assunto para o seu romance tradicional — «O Solar dos Vermelhos» que começou por ser publicado em roda-pé no semanário local, «O Espozendense», sob a rubrica — «Velharias duma Aldeia» — (1905) — 1906. Porque o folhetim despertou interesse, o director do Jornal, Silva Vieira, apaixonado folclorista, em 1909 editou-o em volume, com artística capa de Manuel Viana, director duma Escola Industrial, em Lisboa. São 332 páginas de prosa incipiente (que mais esperar de um rapaz de

(Continua na 2.ª página)

UMA BELA PAISAGEM SERVIDA POR UMA MÁ ESTRADA

Transcrevemos, com a devida vénia, do nosso conceituado colega «O Debate», uma notícia em que muito bem se foca o aspecto deplorável das estradas de Terras de Bouro. Na realidade, como muito bem diz o articulista, é deveras estranho que tão más estradas sirvam tão belos sítios, extremamente ricos sob o aspecto turístico, mas em absoluto pobres de bons meios de comunicação. Há imperiosa necessidade que as Obras Públicas olhem com carinho por toda essa rede de estradas que servem e interligam as duas afamadas terras, Caldelas — Gerês, por um lado e por outro, ou seja, pelas vilas de Terras de Bouro e Amares. Mesma a verdadeira via natural de Braga — Gerês, por Amares, se até à freguesia de Bouro (Santa Maria) foi beneficiada por grande reparação, a partir daqui encontra-se numa lástima, a ponto de os aquistas do Gerês fazerem agora todo o trânsito pela estrada de Vieira do Minho, com manifesto prejuízo de Amares. Esta triste realidade das más estradas de Terras de Bouro tem de desaparecer, a bem do Turismo Nacional, com vista a um melhor aproveitamento das excepcionais possibilidades turísticas deste privilegiado rincão minhoto de «Entre-Homem e Cávado, que a Natureza abençoou, mas que os homens desprezam.

(Continua na 5.ª página)

Bom filho à casa torna

por Domingos M. da Silva

É o caso da reunião do último domingo, no Seminário Conciliar, promovida com o fim de se discutir e aprovar o Estatuto da futura Associação ou Liga dos antigos Seminaristas de Braga.

Fui informado dos planos da projectada assembleia, quase à última hora de sábado à noite, através de providencial ajuntamento proporcionado por um grande amigo. Já ai o ex-seminarista teve a honra e o prazer de confraternizar, à mesa redonda, com o seu antigo Director e mestre, o Rev. mo Senhor Padre José Dias, ilustre sacerdote e magistrado, que estava à frente de S.

Barnabé, com D. António Luís de Almeida, ao tempo que de passagem pelo 1.º ano do Seminário de Real se transitou para os velhos casarões da Tamanca, de alpendres e varandas voltadas para as hortas da cerca, pouco a pouco absorvida pelos gigantescos pavilhões e recreios do Seminário de N. Senhora da Conceição, levantados sob a inspecção atenta das visitas quotidianas de D. Manuel Vieira de Matos. Até assentar aqui seus arraiais o Curso de Preparatórios, saía-se da Tamanca, de madrugada, a receber as aulas e refeições em S. Barnabé, onde estavam os de Teo-

logia, e recolhia-se a pernoitar, debaixo de forma comandada pelo saudoso Padre Borges, por vielas escuras, de chuva e lama, quantas vezes molhados até aos ossos.

Estas e muitíssimas outras recordações estão a cada passo presentes na memória; para revivê-las e avivá-las no propiciado encontro com antigos colegas e condiscipulos, alguns de difícil reconhecimento pela operada transformação de muitos anos que passaram sobre tudo isto e nunca mais se verem, não podia faltar.

Ao programa de domingo,

continua na 3.ª página

Virgem Peregrina na Vila de Amares

Como havia sido noticiado, cerca das 20 horas do dia 21, começou a juntar-se nos limites das freguesias de Carrazedo-Ferreiros (Cerdeirinhas), grande aglomerado de povo com suas velas para a procissão que dentro em pouco desfilaria em continuação da que viria até ali, da freguesia vizinha.

Quando foi avistado o cortejo, ao longe, na curva do Cemitério, começou o entusiasmo entre os que aguardavam, ansiosos, o momento da chegada, e que eram em grande número — centenas de pessoas! A chegada da Virgem, o entusiasmo foi indescritível e formou-se extenso cortejo até à Igreja Matriz, entre hosanas e hinos de entusiasmo e fé ardente.

No templo houve brilhante e entusiástica alocação do Rev. Dr. Rodrigues, cerimonial e Bênção do S. Sacramento. No dia seguinte, às oito horas, missa e comunhão. Às 20 horas iniciaram-se as cerimónias da despedida e dentro em pouco organizava-

(Continua na 3.ª página)

TRIBUNA das ARTES e das LETRAS

Notas biográficas e bibliográficas de Manuel de Boaventura

Continuação da 1.ª página

18 anos?), mas que agradou, porque, em meios de um ano estava esgotado, não se tendo feito 2.ª edição, em Portugal.

Digo em Portugal, porque foi feita no Rio de Janeiro uma edição fraudulenta, que será a 2.ª, mas da qual o Autor não conseguiu exemplares, também por se ter esgotado.

Em 908-909, escreveu novo romance de costumes — «Crimes dum Usurário» — que foi editado em 910, pela Livraria Central, de Gomes de Carvalho, de Lisboa.

Após a implantação da República, foi acimado de conspirador e enclausurado no Convento de S. Barnabé, em Braga, (Agosto de 912). Ali escreveu um violento panfleto, de 16 páginas: «As vítimas dos pseudo-republicanos de Espozende», datado de Outubro de 1912, que foi assinado pelos nove encarcerados: — dois padres, dois professores e cinco proprietários rurais. Os 2.500 ex. da edição foram espalhados por todo o país e teve o condão de pôr a opinião pública ao lado das vítimas e absolvidas por unanimidade, no Tribunal Militar de Braga, em 12 de Novembro, daquele mesmo ano.

Durante os noventa dias que durou o cativo de S. Barnabé, escreveu 456 páginas, de «memórias dum conspirador» sob o título «No Presídio». É o diário do cárcere, com comentários à política da época e relatos humorísticos do dia-a-dia dos presidiários. A edição, de cerca de 2.000 ex., é da Livraria Cruz & Ca., de Braga, datada de 1913, e, por completo esgotada naquele ano.

Já por esta época o interessava a recolha dos muitos milhares de termos, que andavam na boca do povo e que os dicionários não registavam. Em 916 saiu a 1.ª volume do «Vocabulário Minhoto» — 1340 étimos; e em 922, o 2.º, com 1364, o que prefaz 2.704 inéditos vocabulares.

A pequena novela, ascética — «Timótes, o Penitente», que o lápis de Octávio Sérgio ilustrou, saiu da Empresa Lumen, de Coimbra, em 1921. Para a conhecer, as belezas e usos e costumes da sua região, deu à estampa, por intermédio da C.ª Editora do Minho, de Barcelos — «Contos do Minho» (vida rural) em 1927. Apenas três novelas em 208 páginas. Duma delas — «Fabião Roça» —, a convite de Perdigão Queiroga, extraiu o cultor de cinema, Décio Nunes, um argumento que ainda não foi filmado.

Só vinte anos depois, em

947 — por imposição profissional — voltou à publicidade, com novo livro de contos regionais: «Ânsia de Perfeição» e «Contos Imperfeitos» — sete contos, em 136 páginas com que a Livraria Pax, de Braga, iniciou a sua coleção de Escritores Minhotos.

Em 950, apresentou ao Congresso do XVI centenário da chegada de S. Martinho de Dume à Península Ibérica uma comunicação sobre toponímia martiniana: «De onde derivam os topónimos Dume e Panoias?».

(Duas hipóteses); e da revista cultural, «Bracara Augusta» saiu uma sarapata: «o Santo e a Dume», (S. Martinho de Dume na lenda e na tradição). Fora do mercado publicou «Noite de Consoada» — edição do Grémio do Comércio de Barcelos, e um episódio da vida de El-rei D. Carlos — «O Senhor Rei e a Velha», saído em folhetins, no «Jornal de Barcelos», de que se fez separata em 1952.

Em fins de Dezembro de 1953, editado pela Livraria Figueirinhas, saiu «Novos Contos do Minho» — dezoito contos regionais e narrativas várias, ao longo de 272 páginas.

Também foi fundador e redactor principal do Semanário «A Verdade» que se publicou em Espozende, nos anos de 1918 e 1920. Além de outras tinha neste jornal uma secção — «Espozendelérias» —, de crítica aos usos e costumes.

Desde 911 até ao último número publicado foi editor e colaborador da «Revista do Minho», dedicada aos estudos etnográficos.

Teve assídua colaboração nas revistas «Gente do Minho», de Braga, «Civilização», do Porto e outras; e em grande número de jornais de Entre-Douro e Minho, quer com o seu nome, quer com o pseudónimo.

É colaborador habitual dos quotidianos bragueses — «Diário do Minho» e «Correio do Minho», «Diário Ilustrado», «Diário do Norte», etc.

Colabora em vários jornais da província: «Aurora do Lima», «Valenciano», «Terra Minhota», «Jornal de Barcelos», «Jornal de Famalicão», «Notícias de Chaves», «Cávado, Figueiro» etc..

Traz em publicação, na Revista «Bracara Augusta», o 3.º volume do «Vocabulário Minhoto» que engloba e expurga os dois já publicados e dá albergue a cerca de 10.000 inéditos vocabulares; e No semanário «Cávado», uma monografia e estudo toponómico da sua aldeia natal, Vilachã: «Velharias duma Al-

deia».

Preparados para o prelo: «Terra Alta», «Mais contos do Minho», «Zé do Telhado» (fastos duma quadrilha de ladrões), em publicação na Revista «Mundo» (1959).

Em estudo, recolha e preparação: Toponímia de Entre-Douro e Minho, de que foram publicados vários artigos nos jornais «Tribuna Livre» de Amares e «Jornal de Famalicão».

Em Janeiro de 1918, após um concurso literário, foi eleito sócio efectivo do Instituto Histórico do Minho, e em 16 de Novembro do mesmo ano foi eleito correspondente da Academia de Ciências de Portugal.

A chancelaria das Ordens Portuguesas, em 1932, por proposta do Ministro do Interior, conferiu-lhe o grau de Oficial de Ordem de Benemerência — honraria que não aceitou, por entender que não a merecia.

O Funcionário

Foi colocado em Palmeira-Espozende, como professor, em Março de 905. Nomeado subinspector, interino, de Viana do Castelo, em 918; em 927 e 928 desempenhou as mesmas funções em Moncorvo e Aveiro. Em 930 foi escolhido para inspector-chefe da Região escolar de Leiria e transferido para Braga em 933, e para a Guarda em 939, tendo sido aposentado em 941, como Director Escolar daquele Distrito.

Durante os 3 anos que esteve em Leiria desempenhou as funções de Presidente da Junta Geral do Distrito e em 1943 foi nomeado vice-presidente da Câmara de Espozende, função que desempenhou por pouco tempo, por pedir a demissão do cargo.

J. de Castro

BACHARELITE

(Continuação da 1.ª página)

o operário ser um especialista, um bom técnico, mas têm o defeito de ser um ser que só quer dinheiro e na ânsia de o ganhar emigra para o estrangeiro. Lá, apreciados como técnicos competentes, são pagos generosamente e o seu índice de vida eleva-se de tal maneira que o especialista nem sequer pensa em voltar a Portugal. E se volta é de visita, para fazer figura de homem rico ao pé dos colegas.

Eis o quadro, pintado sucintamente, pois que é muito fácil dar-lhe outras tonalidades, mais acrimiosas e de tinta mais forte, para podermos inteirar os senhores industriais da sua falta de senso comum por ainda não terem descoberto o «ovo de Colombo».

Pode fazer-se da indústria portuguesa uma poderosa alavanca do progresso nacional e a crise de que se vem falando, sem ser uma crise da própria indústria, traduz-se simplesmente em crise de inteligência, pela falta de coordenação na mentalidade industrial do país, onde podíamos, sem reboço de vaidade, sermos os melhores da Europa.

Todo o rapaz que sai de uma escola técnica vem devidamente preparado para a vida prática. Cai numa unidade industrial, traz ideias novas, formadas na sua escola teórica. Pode ser e é, amanhã, um grande técnico. Mas é logo embaraçado pela rotina terrível e pela teoria arrojada na mentalidade do operariado português: «Eu não andei na escola e sei disto».

Mentira! Por mais que um técnico queira sobrelevar um teórico, não pode porque a base falha estrondosamente. São esses, também, os práticos antigos, cuja consciência e probidade profissional é de admitir, que não admitem, e com eles os próprios patrões,

inovações trazidas pelos novos técnicos, formados na competente escola.

Ponham cõbro a todas estas anomalias e teremos a indústria nacional próspera e racionalmente perfeita sem necessidade do relatório da Associação Industrial se queixar de faltas que se apresentam apenas por sua própria culpa.

Mas havemos de voltar ao assunto. É natural que os tais jornais regionais, a Imprensa que fica aparte na leitura dos «grandes», consiga transformar o ambiente rotineiro em que vimos vivendo há anos, onde a formação técnica dos nossos operários nunca contou, e dificilmente contará para a modificação precisa e preciosa da Indústria nacional. M. Porto.

Arte da Índia

A exposição «5.000 anos de arte indiana», que — como se informou na edição de Abril das «Notícias Culturais da Alemanha» — é apresentada até 30 de Setembro deste ano na Vila Hugel em Essen, demonstra, num conjunto único, a continuidade da arte indiana do século III antes de Cristo até ao presente.

Em onze grupos específicos e por épocas está dividida a exposição e as salas de Vila Hugel albergam uma imensidade de preciosidades.

A época pré-histórica da cultura hindustana iniciou-se com o estilo ainda bastante regional. Daquela época são apenas conhecidas pequenas obras, das quais se podem ver em Essen cerca de cinquenta objectos. Só no tempo dos Sungas (século I antes de Cristo) se concentra mais. As obras da chamada época de Gandara, ainda um buda do tempo de Culpa (século V depois de Cristo) mostram vestígios da elegância grega e da escultura antiga. O contacto das comunidades religiosas asiáticas com o mundo da arte da antiguidade greco-romana enriqueceu a arte indiana com muitos motivos e algumas formas novas. O puro budismo, que não conhecia nem dramas nem quadros, mas apenas evoluções do processo de purificação, foi empurrado para trás. O início do Islão (1197) transformou depois completamente o nordeste e o norte da Índia. Fazendas, tapetes, também as maravilhosas miniaturas (em Essen representadas com exemplos preciosos do Museu Nacional de Nova-Delhi) chamam a atenção para a arte do vizinho persa.

Carta à Senhora do Alívio

Nossa Senhora, valei-me,
Que vivo em grande aflicção!
Nossa Senhora do Alívio,
Tendes o Alívio na mão!

Vinde depressa, Mãezinha,
Que eu ando muito doente:
Tenho febre, muita febre
Nesta alma adolescente.

Ó boa Nossa Senhora,
Vinde trazer-me remédio
Neste dia triste e amargo,
De choro, fastio e tédio...

Mãezinha, pois se é verdade
Que não desprezais ninguém,
Valei a um filho que chora
E grita: — Mãe! minha mãe!

Francisco Sério

TRIBUNA do CONCELHO

Bom filho à Casa torna

Continuação da 1.ª página

que começaria pela missa na aldeia (em férias) preferiu-se a celebrada por Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primás, que se dignou, por paternal bondade, franquear as portas do seu modelar estabelecimento de formação eclesiástica aos que por qualquer incidente viram a sua carreira aí interrompida, depois de mais ou menos anos de permanência; e, ao abandonarem-na, por ventura poderiam julgar-se cvelhas tresmalhadas do seu grande rebanho.

Passando ao Salão nobre, deu as boas vindas a todos quantos concorreram ao chamamento e, sempre sorridente e feliz, expôs as razões daquela convocação.

Presentes, poucos mestres do meu tempo. Os Senhores Padre José Dias, Padre Lopes e Padre Torres, alma da iniciativa.

Dos oradores da Sessão, o Dr. Araujo Novo pôs admiravelmente em cena o «drama» do ex-seminarista.

Na verdade, todos temos o nosso «romance» mais ou menos intrincado e cheio de realismo e cor que o que se lhe pode imprimir por fantasia e palavras.

Hoje, a saída do Seminário constitui fenómeno corrente, mais natural que há duas dezenas e mais de anos, que, em certos casos atingia as raias do escândalo. Pela repetição tornou-se banal e aceitável como as razões que lhe assistem.

Até os mesmos directores e professores ficavam de sobreaviso e na expectativa da maneira como cada um se desinvençalaria da trama ao dar o salto para o mundo exterior; se conduziria na nova vida que encetava e, pelo que se vê, nunca os perderam de vista.

Ainda bem!

De modo geral, o ex-seminarista do nosso tempo desmentiu todos os graves preconceitos que o pessimismo de alguns tratadistas da moral lhe imprimiu na frente, ao deixar para trás a portaria do Seminário.

Marcado com estigma, ruim de disfarçar em novo meio que passava a viver, teve de lutar para vencer e demonstrar na prática o erro de tais máximas e teorias, para não cair com os vencidos que lhes deram a razão.

A Providência não dorme e pode dizer-se desassombadamente que a época que temos vivido é grandemente a do Ex-seminarista.

Levando cada um seu rumo, em todas as direcções, perto e longe, aonde Deus quis que fosse parar, que o digam tantos colégios e escolas que se fundaram, até no Ultramar e no Brasil, em que leccionaram e professaram os ramos fortes

das literaturas e das latinidades, impondo as directrizes seguras da disciplina e orientação que encarnaram na sua passagem pela melhor escola de formação, que são os Seminários!

Infelizmente, os filhos da escola laica do nosso tempo foram algo falhos (não por culpa sua) de preparação para enfrentar o problema da re- formação moral que se impunha e tem vindo a operar-se em novas camadas sociais.

O ex-seminarista, completando o melhor que pôde a sua formação pedagógica, reconheceu que era aí que melhor podia exercer a sua actividade; empenhar o seu saber, pôr a render os seus talentos. No funcionalismo, noutros sectores da sua acção, o ambiente melhorou sempre com a sua presença disciplinada e disciplinadora.

Cumprindo a sua missão, pagou uma dívida, de gratidão aos Seminários, honrando e dignificando a Casa a quem tudo devia.

Souo a hora que, por sua vez, os Seminários entenderam dar o devido relevo a estes valores dispersos, alcançados isoladamente, mas que são seus por criação; mui justamente resolveu congraçá-los é reuni-los no momento em que, mais que nunca, são necessárias para obstar a tanto mal, a união, a força e autoridade moral da Igreja. Valores subalternos de um Sacerdócio que não atingiram, mas considera aproveitáveis.

Constitui honra para nós, ex-seminaristas!

Moralmente não nos assiste o direito de discutir os estatutos de uma Associação, uma vez que mereçam a aprovação do nosso Venerando Arcebispo Primás.

Que lhe acrescente apenas, se é que a não contém ainda, esta importante condição—que a reunião anual seja precedida de um retiro, para mais demorada confraternização e proveito espiritual.

D.M.S.

Rendufe, 24-8-59

Desastre Mortal

No domingo pretérito, em Carrazedo, no Lugar da Igreja, uma camionete da Firma Campelo desta freguesia, atropelou um cavalo em que ia montado o seu proprietário sr. Domingos Malheiro, antigo caseiro da quinta do Castro. O cavalo teve morte imediata e o cavaleiro fracturou as pernas, recolhendo ao Hospital de S. Marcos.

Dizem que o cavalo na passagem do carro se assustou, saindo da sua mão, o que resultou o lamentável desastre.

C.

Futebol C. de Amares

Como é do conhecimento da maioria do público, tivemos, outrora na nossa terra, um grupo de futebol em toda a sua pujança:—O Futebol Club de Amares.

Mais tarde, devido a uma grande crise, que sempre houve e haverá em todas as associações—o desânimo e a falta de recursos—esse grupo decaiu bastante, até ao ponto de desaparecer quase por completo.

Há agora um grupo de rapazes, dotados de boa vontade e despendendo um grande esforço para que o grupo se levante até ao ponto antigo e, se possível, mais alto. Contudo, apesar desse esforço e dessa boa vontade, esbarra-se com a crise de falta de recursos.

Bom era que todo o público compreendesse a situação e auxiliasse o grupo a ver coroadas de êxito as suas rissonhas esperanças. De que necessita o grupo? De apoio moral e financeiro. Por isso apelamos para a boa vontade daqueles que presentemente são sócios e dos que ainda o não são.

Um grupo desportivo auxilia a dar nome a uma terra e, um concelho como o nosso, bem o merece em todos os aspectos.

Fica lançado o apelo e esperamos seja correspondido. Auxiliem o Futebol Club de Amares, inscrevendo-se como sócio ou dando a sua esmola.

Vida elegante

Aniversários

Fazem anos:

Passou ontem o seu aniversário natalício, o menino Felisberto António de Abreu Barbosa de Macedo.

Segunda-feira—A Snra. Amélia de Jesus da Cunha Vitoriano.

Terça-feira—A menina Maria Cândida de Sousa Bento.

Quarta-feira—A Snra. D. Adelaide de Jesus Calheiros Faria Cruz.

Quinta-feira—As Snras. Esmertina G. Macedo Martins e Lourdes Gonçalves Macedo Dias.

Sexta-feira—A Snra. D. Diolinda do Céu Novais Cunha.

* * *

Passa segunda feira, dia 28 do corrente, o seu aniversário natalício, a menina Maria de Fátima de Andrade Vieira.

Por tão faustosa data sua família deseja-lhe muitas felicidades.

De Caldelas

Movimento Termal

Vilegiatura

Caldelas, 20—Apesar do tempo invernosso que tem feito e estar breve o fecho do balneário, ainda aqui se encontram muitas centenas de aqúistas estando os hotéis repletos.

De ano para ano aumenta a frequência de aqúistas e torna-se necessário ampliar as instalações do balneário, sobretudo da «buvette» que é demasiado pequeno para o movimento actual.

—A passarem as suas férias encontra-se na «Quinta do Ougueiro, os senhores Drs. Ribeiro Queiroz, antigo Subsecretário da Assistência, seu tio Dr. Alberto Ribeiro e Pompeu Guimarães.

C.

Virgem Peregrina na Vila de Amares

Continuação da 1.ª página

se o cortejo entre as duas freguesias da Vila: S. Maria e S. Salvador.

Se no dia anterior o povo acorreu em grande número a saudar a Virgem á chegada, na altura da despedida também se fez representar condignamente e o cortejo seguiu por entre cânticos entusiásticos. A estrada do Barrio era um só cortejo iluminado com a Imagem peregrina a sobressair de todo a quella caudal de luz, e, nos Guimarães, foi o adeus...

Mas adeus para quê? E num impulso de entusiasmo, atraído pela Imagem que reiniciava a sua marcha aos ombros dos nossos vizinhos, todo o povo seguiu a procissão e todos juntos, num cortejo memorável, grande e cheio de entusiasmo, foi levada a Virgem Peregrina até ao Largo de D. Gualdim Pais, onde ficou ao ar livre, à veneração dos fieis.

A passagem da Virgem pela Vila de Amares foi um acontecimento que marcou, pelo entusiasmo e fé dos seus habitantes!

D. Laura Augusta Esmeriz

Com 86 anos de idade, faleceu no dia 21 do corrente, na freguesia de Ferreiros, D. Laura Augusta Esmeriz, bondosa Senhora que se dedicou durante toda a vida, a bem fazer, e ensinou a catequese a muitas gerações. O juneral saiu da Casa da Boa Vista para a Igreja Matriz e realizou-se no dia 23 do corrente.

A família enlutada, apresentamos sentidas condolências.

De visita á nossa redacção

Em gozo de férias e visita à família encontra-se entre nós, na vizinha freguesia de Basteiros, os nossos estimados assinantes e conterrâneos Senhores Manuel Veloso e esposa D. Ana da Conceição Veloso, bem como seus irmãos Ex.ªs Senhores Agostinho Veloso e Adelino Veloso e família.

A todos, Tribuna Livre, tributou cumprimentos e faz votos que as férias e o regresso a Lisboa sejam felizes.

* * *

Tiveram a gentileza de passar pela nossa Redacção a apresentar-nos cumprimentos e pagar as assinaturas, os Ex.ªs Senhores Porfírio Tinoco e Agostinho Egídio Pereira Veloso, nossos dedicados assinantes.

Agradecemos a visita e retribuímos os cumprimentos recebidos.

Santa Casa da Misericórdia de Amares

Movimento de doentes, registado no Posto de Socorros da Santa Casa da Misericórdia de Amares, durante o mês de Agosto findo:

Consultas—Homens—242—mulheres 393—Total 635; Visitas Homens—1—Total 1; Injecções aplicadas fornecidas gratuitamente—Homens—59—mulheres 174—Total 233; Curativos—Homens—82—mulheres—159—Total 241; Tratamentos pelos agentes físicos—Homens—15—mulheres 33—Total 48; Vacinações diversas—342; Lactação de crianças—Total 81; Total dos assistidos—1581.

Humorismo

Era lógico

—Estou muito aborrecido.

Telefonei para a casa de penhores a saber as horas e chamaram-me maluco...

—Mas a casa de penhores não tem nada que te dizer as horas!

—Não têm? Essa é boa! Então eles é que têm lá o meu relógio.

Gracinhas

A mãe—Afinal meu filho, queres mesmo ser oficial de marinha?

O filho—Oh! sim mamã. E oficial de submarino.

A Mãe—Mas, por que de submarino?

O filho—Para mostrar que sou homem, até debaixo de água.

Visado pela censura

TRIBUNA DESPORTIVA

(Continuação da 6.ª página)

cial, o primeiro deu melhores provas de si do que o segundo. Da forma como o jogo decorreu, o resultado está certo, pois os locais quase sempre foram superiores, sendo no entanto de salientar a boa parte final dos homens de matosinhos, que se não tem sido o facto de acordarem tarde e a grande margem de golos que os distanciava já do seu adversário, ter-lhe-iam feito a vida cara. Se tivessem saído derrotados pela diferença de uma bola, o resultado estaria certo.

Académica, 1-F. C. do Porto, 0

Este que era considerado o principal encontro da jornada inaugural, não só porque os Portistas, têm dado provas de que estão a jogar como nenhuma equipa, como também por ter como antagonista a equipa dos estudantes, que como sempre, e para não fugir á tradição, continua a ser a turma das surpresas. O F. C. do Porto, produziu menos do que aquilo que se esperava, e os Académistas, numa tarde cinzenta dos campeões Nacionais, conseguiram obter aquilo, que mesmo atendendo a todos os factores, somente os seus adeptos mais optimistas, acreditavam.

CLASSIFICAÇÃO

	Pontos
V. de Guimarães	2
Atlético	2
Benfica	2
Sporting	2
Académica	2
Sporting de Braga	1
Belenenses	1
Boavista	1
Covilhã	1
F. C. do Porto	0
Cuf	0
Leixões	0
V. de Setúbal	0
Lusitano	0

J. M. F. Barbosa

Vaticínio

Iniciou-se no pasado domingo o Campeonato Nacional de Futebol, prova sempre esperada com ansiedade, pois o futebol é sem dúvida o desporto favorito das multidões. Tribuna Livre, acompanhará o Torneio máximo do futebol português, apreciando os jogos que se aproximam, fazendo um prognóstico a cada encontro, atendendo às possibilidades de cada contendor que se defronta. Pedimos desculpa aos nossos estimados leitores, pelo facto de não termos analisado e prognosticado a primeira jornada, mas a culpa não foi de ninguém, apenas a uma demora nos correios, pois a pessoa encarregada deste vaticínio desportivo, encontrava-se ausente, enviando o artigo pelo correio, não chegando este a devido tempo para ser impresso. A primeira jornada apresen-

tou-nos a primeira surpresa. Os campeões Nacionais não foram felizes na sua deslocação. Tendo sido derrotados pela turma de Coimbra. Foi esta a principal nota sensacional desta Jornada, havendo ainda a assinalar o precioso ponto que os bracarenses foram arrancar ao campo do Bessa. No próximo domingo teremos os seguintes encontros: O F. C. do Porto recebe no seu ambiente os vimaranenses que no passado domingo esmagaram o Lusitano. Desta vez, os nortenhos deverão querer remediar o desaire de Coimbra, e possivelmente bater o seu adversário por margem que não dará lugar a comentários. *F. C. do Porto, 5—Guimarães, 1.*

Outro visitado, é desta vez o Sporting que recebe em Alvalade os estudantes. É tradicional a luta que os rapazes da Académica costumam empregar contra o Sp. lisboeta que passa inferiorizado quando defronta a turma escolar. Mesmo assim, os leões são favoritos até porque parecem ter desvendado o mistério da eliminatória da Taça de Portugal, quando venceram o seu valoroso adversário por 3:0. Irá repetir-se o mesmo resultado? Tudo é possível e é este o nosso verdadeiro palpite, mas no entanto arriscamos: *Sporting, 3—Académica, 1.*

A Cuf vai até a Matosinhos para medir forças com o Leixões. O grupo nortenho deve esperar esta oportunidade para assinalar a sua primeira vitória. Será assim? O ambiente favorecerá os donos do campo, que vencerão: *Leixões, 3—Cuf, 1.*

No Restelo, o grupo de Oto Glória recebe os alcantarenses. O Belenenses, que no passado domingo não foi além de um empate na Covilhã, não quer com certeza afastar-se muito dos seus mais directos adversários: *Belenenses, 4—Atlético, 2.*

Em Setúbal, os sadinos recebem os leões da Serra. Vão lutar dois clubes de igual categoria, mas mais uma vez virá à mó de cima o facto de jogar em casa: *Setúbal, 2—Covilhã, 1.*

O Boavista vai até Évora para ali jogar com a club local. Os evorenses, que sofreram a maior goleada do torneio, devem uma satisfação aos seus simpatizantes. Irá o clube xadrezado pagar a derrota de Guimarães? Embora se espere boa réplica dos Portistas estes não passarão o difícil obstáculo: *Lusitano, 3—Boavista, 1.*

Finalmente, em Braga, joga-se o jogo mais importante da jornada. O Benfica vem a Braga é quase desnecessário dizer mais algo sobre o assunto.

O grupo encarnado, que nos passa ainda longe da sua forma, virá ao Minho disposto a não ser derrotados. Conseguirá o Benfica passar

Foram instituídas duas novas corporações;

Continuação da 1.ª página

lado, e o Cinema e as diversões públicas. por outro, relações tão estreitas que justifiquem a sua integração numa única corporação. Acresce trata-se de actividades que, não obstante certos pontos de contacto entre si, sobretudo no que diz respeito à crítica e à publicidade, têm vida própria, perfeitamente definida através dos tempos, sendo, por isso mesmo, bem diferente o espírito que preside ao exercício de cada uma delas.

A Imprensa Regional vai ter organização própria e vai proceder-se à reforma da legislação dos espectáculos públicos

Na Corporação da Imprensa e Artes Gráficas haverá as seguintes secções: Imprensa; livro e artes gráficas; e indústria do papel.

Admite-se que, em resultado das recentes reuniões da Imprensa, seja organizado o Grémio da Imprensa Regional que, assim, estará representado na Corporação.

Quanto à Corporação dos Espectáculos, constituem-na as secções de teatro, música e dança; cinemas e e diversões públicas, que correspondem fundamentalmente à organica da União de Grémios dos Espectáculos.

«Está o Governo empenhado em reformar toda a legislação respeitante a espectáculos públicos — disse o Ministro — e em estabelecer novas condições de exercício profissional dos artistas e demais trabalhadores que se dedicam àquela actividade.

«Simultaneamente vai estimular-se e celebração de convenções colectivas de trabalho ou a actualização das existentes para fixar por via corporativa os termos e o sentido a que devem obedecer as relações entre os empresários e os artistas.»

este obstáculo? Os bracarenses o dirão, mas estamos em crer o grupo minhoto não terá ainda forças para bater o pé ao seu adversário. Um empate não estaria mal para o desfecho deste encontro, mas temos de contar com o maior poder realizada dos benfiquistas. Aí vai. Desculpem-nos os bracarenses: *Braga, 1—Benfica, 2.*

É pronto amigos, até domingo, dia em que sabermos se estivemos muito longe do que na realidade se vai passar.

M. Janela

«A Modelar»

Executa toda a qualidade de trabalhos tipográficos, desde os mais simples aos mais luxuosos.

Carta de Ruivães

Continuação da 6.ª página

cede com honestidade e com justiça, ou a paciência do oprimido há-de fatalmente esgotar-se e, então, a reacção será tremenda e indomável.

De nada valerão os canhões nem os foguetões teleguiados; e, se as coisas não mudarem de rumo, mas depressa, afi da humanidade sofredora! porque o sangue lá-de, então, empar a terra; mas cada peito humano será um baluarte firme, intrépido e inexpugnável para dar ao mundo a garantia de uma paz séria e duradoura, seus sofismos nem atropelos. Cada povo deve ter o direito de escolher o seu sistema de governo. Impor-lho, em nome da liberdade, é pior do que assassiná-lo.

Há muitos ingénuos,—enchamo-lhes ingénios por favor—, que não se fartam de protestar contra a corrida aos armamentos, dizendo que esses enormes caudais de dinheiro, gastos na aquisição de instrumentos bélicos, poderiam, se tivessem outro destino, matar a fome a muitos desgraçados e pôr a funcionar muitos hospitais, onde os desprotegidos da sorte pudessem tratar as suas doenças.

Mas de quem é a culpa ó meus adoráveis anjinhos?

Quem tem movido os cordelinhos diabólicos de uma guerra fria, que traz o mundo em apuros, desde o fim da última guerra?

Quem manda para o seio das nações, onde existe a ordem, os mercenários russos, para ali provocarem a desordem e a guerra civil?

FEIRA DA LADRA

Continuação da 6.ª página

«rink» de patinagem e um «court» de tenis imprimem ao Parque um ar «chic», uma nota de fidalguia.

A atestar um dos maiores melhamentos de que Vieira beneficiou com a comparticipação do Estado, o edificio dos Paços do Concelho apresenta-se agora cheio de magestade, no centro da vila, depois de largas e despendiosas obras de remodelação.

Pavimentação das ruas, obras de alinhamento, demolição de casebres inestéticos e insalubres, estradas e fontanários para todas as freguesias do concelho, o alargamento da sua rede eléctrica, etc,—tudo isto a afirmar o surto de progresso de um concelho de tão modesto orçamento.

Se é este, em linhas gerais, o quadro que Vieira nos oferece todos os dias, sem que cada um de nós renegue o sonho e a esperança de novos e sucessivos surtos de empreendimento, é na Feira da Laca, contudo, que ela apre-la no seu aspecto mais turbosentimento e mais garrido.

Afamadas bandas de música, lindas decorações, fogos de artifício, iluminações feéricas e, acima de tudo, o folgar do nosso povo, esse eterno e alegre romeiro.

Se a festa a todos agrada, é ao povo que ela legitimamente

Eu não concebo que certos países, onde o partido comunista foi considerado fora da lei, permitam que possam eleger-se deputados que no parlamento façam propaganda dos seus mortíferos elixires...

É certo que o mundo ainda não logrou emancipar-se por completo do estonteamento que a última guerra lhe deixou e, assim, notam-se tais incoerências em certas atitudes dos governantes dos povos, que fazem dúvidas da sua integridade mental.

Os campos têm de separar-se de vez.

Os ocidentais têm de estar atentos, vigilantes, unidos e prontos a enfrentarem o problema no campo em que os russos lho colocarem.

Estes persistem na sua política tenebrosa e maquiavélica?

Corte-se com eles por uma vez.

As ciladas têm sido tantas e provadoras, que justificam medidas extremas.

Cruzar os braços, à espera de que a sorte nos salve, é má política.

Desde já posso afirmar,—eu, que estou neste desconhecido recanto de Ruivães, onde ainda não há um telefone, nem electricidade,—que a conferência do senhor Krushchev com Eisenorver não terá qualquer resultado prático e útil à paz do mundo.

Bem andaram os americanos em receber o estadista russo de braçadeiras pretas.

Pois se eles recebiam o emissário da tirania e do luto... 17-9-59 Amadeu César

pertence.

Nesta quadra do ano em que os cachos amaduram e em que as searas apresentam o saldo promissor de um ano inteiro de luta, sacrificada ao amanho da terra, justo é que o trabalhador se entregue a estes dias de folgado, sem canseiras nem preconceitos.

Os convites dos amigos e parentes removam-se todos os anos e as portas das nossas casas abem-se-lhes de par-em-par em franca hospitalidade.

Os filhos de Vieira, a quem o destino levou a outras paragens, muitas vezes distantes, aqui vêm, sempre que podem, nessa quadra festiva, para matar saudades, de tantas feiras que passaram com a sua mocidade, recordando os brincados e as CORNETAS DE BARRO da sua infância, cujo som desarmónico ia misturar-se impiedosamente com a melodia das bandas de música, ao executar o seu escolhido reportório, ou com os des-cantantes do povo ao som da viola ou da concertina.

E se essa algarviada de sons característicos da nossa feira, tanto impressiona hoje os nossos ouvidos, nem sabemos se é a falta de harmonia que nos estonteia, se a falta de mocidade que nos arraste a tomar parte naquela baro-lhenta orquestra, como nos tempos idos...

I.D.

TRIBUNA DE TERRAS DE BOURO

MONOGRAFIA DE TERRAS DE BOURO

(Por DOMINGOS M. DA SILVA)

N.º 49

(CONTINUA)

No lugar de Cabaninhas, próximo do ribeiro que vem dos montes, logo adiante da Capela de S. Sebastião, estava um, a pedra bem cilindrada, faltando-lhe a parte inferior. Alt. 1,8; diam. 0,63; letra 0,09:

IMP. CAES. DIVI. SEVERI. FIL..
DIVI. MARCI. ANTONINI. NÉP.
DIVI. ANTONINI.. PII. PRONÉP.
DIVI. HADRIANI. ABNEP.
DIVI TRAIANI. PART. ET DIVI
NERVAE. ADNEPOT.
M. AVRELIO. ANTONINO . PIO. FEL. AVG.
PART. MAX. BRIT. MAX.
GERMANICO. MAX.
PONTIFICI. MAX.
TRIB. POT. XVII. IMP. III
COS. III. P. P. PROCOS
A BRACARA... M. P.
XV....

Perto do lugar onde este se encontrava havia restos de outros.

No sítio dos *Lagedos*, desta mesma fregª, menciona dois, o 1.º é uma coluna inteira com 1,4 de alt.; 1,82 de circ. e 0,08 de tamanho de letra:

.MP.. TO CAESARE
DIVI VESPASIANI.
VESPASIANO AVG.
PONT. MAX. IB. POT.
VIII. IMP. XV. P. COS.
VIII. CAES. VIVI. VES
PASIANI F...
G. CALPETANO. RANTIO
QUIRINALE. VALERIO
FESTO. LEG. PROPR.
A BRAC... M. P. XIX

O 2.º pareceu-lhe não estar inteiro. Tinha de alt 1,9; de circ. 1,93 e de letra 0,09:

.....VIS.....
M... CI ANTONINI NEP
.....NINI PI.....
.....HADRIANI.....
....TRAIANI. PART. ET
.....NERVAE.....
.....ANTONINO.....
.....MAX. BRIT. MAX.
.....MANICO. MAX.
PONTIFICI. MAX
.....OT. XVII. IMP. III
COS III..... PROCOS
A BRACARA AV.. M.P. XVIII

No ribeiro de *Cabaninhas*, um monolito de granito ordinário, inteiro, alt. 2,5; diam. 0,5 e letr. 0,1:

IMP. CAES. G
MES. Q. TRA.....
DECIO. INVIC
P. F. AVG. POT
PROCOS IIII
COS. II. P. P. A BR...
M. P. XVII

Esta e outra pedra, subjacentes à estrada, informa *Cabella*, passavam na opinião popular por *sepulturas de dois generais romanos*.

Ainda no ribeiro de *Cabaninhas*, outro monolito de pedra ordinária, alt. 2,6; circ. 2,03 e letr. 0,01:

IMP. CAES.
M. AVR. CARO
P. F. INVICTO
AVG. P. M. T. P.
COS. II. P. P.
.....

(Continua no próximo número)

Notícias das Termas do Gerês

Realizou-se no dia 13 do corrente, a festa em honra de N. Senhora de Fátima, sendo uma das festas mais brilhantes que se realizou até agora nestas termas.

A missa da festa foi celebrada por sua Ex.ª R.ª o Vigário Geral, cantada pelo Orfeão da Faculdade de Filosofia de Braga e foi pregador o R.º Dr. José Bacelar de Oliveira.

Tratamento de águas do Gerês

Encontra-se em tratamento nas Termas do Gerês, o Ilustre Chefe da Circunscrição Florestal do Porto, Senhor Dr. Augusto Ferreira Machado, vindo acompanhado de sua esposa Ex.ª Senhora D. Mafalda.

Deseja-mos-lhes boa saúde com votos de felicidades.

Pescador afamado

Encontra-se no Gerês o Senhor Dr. Eurico do Porto, em tratamento e ao mesmo tempo nas horas de intervalos percorre os rios da região regressando sempre com boa pescaria.

Caminho Florestal da Er- mida ao Vilar

Anda a proceder ao estudo da variante do caminho da Ermida ao Vilar, o Sr. Eng.º Duque Esteves. Mais um grande melhoramento para a região, além do emprego de tantos trabalhadores que necessitam de ganhar o pão de cada dia.

Notícias

Quintões - Balança

No dia 21 do mês corrente, completou a menina Maria da Silva Esteves, as suas 23 primaveras.

Deus a cubra de bênçãos, na companhia de seus queridos pais, e, este dia se repita por muitos e muitos anos.

Covas - Moimenta

Também no dia 20 do mês em curso, nasceu mais uma rosa no canteiro do nosso ilustre carteiro, Senhor João Dias.

Fazemos votos para que seja mais um anjinho para o Céu, na companhia de seus pais.

Assinai e propagai
a «Tribuna Livre»

Herança de José Joaquim de Sousa AVISO

A fim de se evitar graves incómodos e até possíveis responsabilidades das pessoas que, por qualquer motivo, sejam devedoras de quaisquer quantias à herança de José Joaquim de Sousa, que foi da freguesia de Besteiros, deste concelho, chama-se a atenção dos interessados para o seguinte:

Têm sido feitos os maiores esforços por algumas pessoas sem escrúpulos que não são nem irmãos nem sobrinhos do falecido, no sentido de esconderem os créditos a que a herança tem direito e até no sentido de levarem aqueles familiares do mesmo falecido para uma posição desonesta, que se não espera nem se acredita possível.

Como se sabe e é bem público, os dois filhos ilegítimos e únicas pessoas com direito à herança vão deduzir a sua habilitação judicial, só não tendo a respectiva acção de investigação de paternidade ilegítima sido intentada já, por motivo de férias judiciais que acabam em 30 do corrente.

Estes dois herdeiros tudo farão no sentido de chamarem à responsabilidade os que agora andam empenhados em subtrair algumas centenas de contos aos legítimos donos. Para isso promoverão o competente procedimento criminal e, dado o volume das quantias e o valor de alguns direitos, não hesitarão em pedir a instrução dos possíveis processos pela Polícia Judiciária.

A publicação deste aviso tem em vista evitar que os devedores à herança sejam induzidos em erro e incorram em responsabilidades que lhes devem ser evitadas.

O Advogado com procuração,
António José da Costa,
(Segue-se o reconhecimento)

Uma bela paisagem servida por uma má estrada

Continuação da 1.ª página

Toda a região minhota é extremamente rica sob o aspecto turístico e, por isso mesmo, não se concebe que algumas estradas deste fascinante rincão estejam tão desprezadas. Qualquer turista que venha conhecer o coração do Minho tem forçosamente de transitar através do concelho de Terras de Bouro. E, sendo assim, o aspecto luxuriante da paisagem de tonalidades tão sugestivas fica desvalorizado pelo deplorável estado das suas vias de acesso. Entre elas torna-se necessário pôr em primeiro plano a estrada que liga Caldelas à sede do concelho de Terras de Bouro. Tivemos ocasião de há tempos sermos obrigados por motivo profissional a percorrer de motociclo a referida via e maldíssemos da nossa sorte. Curvas apertadas, perigosíssimas não tanto por elas como pelo piso traçoieiro. Trata-se de uma estrada descar-nada, com a brita toda à mos-

tra, resvaladiça, inundada de covas.

É deveras estranho que as entidades responsáveis não olhem ao arranjo de uma via de tanto movimento de veículos automóveis que diariamente transitam para o Gerês.

Agora, que penetramos numa fase de despertar sobre as verdadeiras riquezas turísticas de Portugal, não faz sentido que na região mais rica do país sob o aspecto turístico, ainda existam estradas, de tão grande importância sob diversos aspectos, como é a de Caldelas-Terras de Bouro, sem estarem devidamente alcatroadas.

Até quando se prolongará esse desleixo por um troço de estrada de dez escassos quilómetros? Terras de Bouro suspira ardentemente por uma via que não a envergonhe aos olhos dos turistas ávidos de fortes sensações estéticas que, em busca delas, se dirigem pressurosamente das termas de Caldelas a Terras de Bouro.

S. DE F.

VENDE-SE
COFRE

Tomaz Cardoso
57X77

Informa nesta Redacção

Tribuna Desportiva

Campeonato Nacional da 1.a Divisão

Começou no passado domingo a grande prova do desporto Nacional, ou seja, o Campeonato Nacional da Primeira Divisão, e com ela os desgostos e alegrias para os adeptos deste desporto, que no nosso país, é considerado «Rei».

É evidente, que os acontecimentos desta jornada inaugural podem vir a ter grande influência no futuro, não deixando no entanto de ser considerados por todos os apaixonados da bola, como uma simples gota de água no oceano. É no entanto aconselhável trazer à mente de todos os prezados leitores, que na época passada, o F. C. do Porto, no primeiro dos vinte e seis jogos do Nacional, começou cedendo um ponto em casa, frente ao Vitória de Setúbal, chegando depois a ter cinco pontos de diferença, vindo no entanto a ser o vencedor da prova. Na mesma jornada o primeiro golo do campeonato, que foi, o célebre golo de Coimbra, custou a derrota ao campeão nacional, enquanto que no Barreiro o Sporting ganhou no último minuto, sendo esse o único golo marcado nessa jornada. Resta saber até que ponto ficará na história dos dois «grandes», estes dois golos em causa na luta que agora começou, e que constituiu toda ela um ponto de interrogação. Os resultados desta primeira jornada foram os seguintes:

Boavista, 0—Sp. de Braga, 0

As equipas não foram felizes quanto ao futebol que apresentaram. Tanto de uma como de outra se esperava um pouco mais, embora se soubesse já dos portistas, que estes se apresentariam privados de alguns atletas titulares. Pelo que ambas as equipas produziram, o resultado de zero a zero, está certo.

Guimarães, 7—Lusitano, 0

Os Vimaraneses, que se nos apresentam com disposi-

ções de repetir as proezas da época anterior, obtiveram sobre os Evorenses uma vitória retumbante, tomando assim o comando da classificação, ainda que seja só por uma semana. Resta saber, se o grupo de Guimarães estará disposto a prosseguir.

Benfica, 4—V. de Setúbal, 1

O Benfica embora se não esperasse tanto, tendo em conta o que mostrara anteriormente, deu já uma ideia do que quer vir a ser. Contra um Vitória de Setúbal, a defender-se de todos os modos, os encarnados, não tiveram dificuldade em sair vencedores, embora tecnicamente os homens da luz, não tivessem brilhado, a ponto de satisfazer os seus associados.

Cuf, 0—Sporting, 1

Neste encontro em que quase não há história, a única consolação dos Sportinguistas, foi a vitória final, principalmente, por ter sido alcançada num momento de desespero, e quando já ninguém acreditava nela, tendo portanto um duplo sabor. Apesar de se ter jogado mal de ambas as partes, o resultado está certo.

Covilhã, 0—Belenenses, 0

O Belenenses embora não tivesse ganho na sua deslocação à serra, conseguiu no entanto fazer aquilo que não é tradicional fazer, pois conseguiu trazer da serra qualquer coisa que não fosse uma derrota. A maior surpresa, não foi propriamente, a dos homens do Restelo não terem conseguido uma vitória, mas sim a de não terem feito sequer um golo. Esta é a prova de que a defesa Covilhanense esteve à altura do «ardil» lauca-Matateu.

Atlético, 4—Leixões, 2

O Atlético e Leixões que são recrutas na divisão prin-

Continua na 4.ª página)

Confiança!

Há muito que noto na tua expressão
Um ar de quem quer saber seja o que for.
Não decerto, se te juro mais amor
Mas talvez... que mais terei no coração!

Pões a questão de confiança;—e nesta frase
«Amar... para quê!»...—impresa e fortuita
Deixas à minha reflexão d'eremita
Um problema efectivamente, de base!

Podia, bem sabes, esquivarme a responder
Mas não; eu não posso fugir ao dever
De ser sincero como tu queres, querida!

Amar, para quê? Para encontrarmos Deus;
Viver—com a certeza de que somos seus
Ganhando uns olhos (Uns) para o fim da vida!

António José Ferreira

TRIBUNA DE VIEIRA

A vida administrativa orientada de maneira diferente

Desde há tempos que os destinos do concelho de Vieira do Minho estão confiados ao vice-presidente da Câmara, sr. Gaspar Sameiro.

O Concelho estava habituado a que pela mão de quem governava ou a conselho de quem deveria ser simplesmente governado, se aplicassem métodos antagónicos com a finalidade de ferir ou prejudicar quem não fosse do grupinho.

Mudada a direcção dos negócios camarários era justo aguardar com certa impaciência até que ponto a «Eminência parda» impediria uma administração igual para todos, sem olhar a facções ou grupelhos.

Ainda bem que os primeiros informes que nos chegam são de maneira a poder elogiar-se a acção de quem administra, o que nos apraz registar com muito agrado.

Ter-se-ia tentado induzir quem de direito a obrigar certa pessoa a abastecer de água

uma residência em que nem o inquilino paga a renda por ser pobre e a resposta terá sido de que aquelas funções não são para exercer vinganças.

Ter-se-ia feito crer que o Município não poderia subsidiar a «Feira da Ladra» que se realiza dentro de dias, para

Está a decorrer no écran do cinema Russo mais uma das múltiplas farsas do seu inesgotável reportório.

A visita do senhor Kruschchev à América do Norte, deve ter por detraz da cortina mais um plano diabólico.

Pode lá haver quem acredite nas suas apregoadas intenções de paz, se o mundo se debate, há tantos anos, numa crise profunda, preparada astuciosamente por aquele estadista e seus comparsas?

O ramo de oliveira, de que

que a falta fizesse realçar certa figura recentemente afastada.

À comissão de gente nova, não obstante informação em contrário, foi respondido que o subsídio seria igual ao dos anos anteriores e tudo vai fazer-se com o brilho do costume.

Bastou ao concelho de Vieira o tempo que viveu dividido e bom será que encontre agora o clima de Justiça e bom senso de que precisa.

Carta de Ruivães

se diz portador, vai saturado de sicuta.

Em nome da liberdade dos povos e da emancipação dos humildes, não há violência que os magnates Russos não tenham cometido.

São as deportações em massa para as regiões geladas da Sibéria; a carnificina da Hungria e da Polónia; a matança da Coreia; a sublevação da Argélia; o massacre do Tibete; o estado de submissão forçada da Alemanha; onde há um povo que dá lições ao Mundo, de patriotismo, de trabalho, e de incedível progresso em todos os domínios das artes, das ciências e das letras; e tantas outras prepotências engendradas pelos senhores do Kremlin, que constituem o mais acusado libelo que a história há-de registar.

Quanto ao caso da Alemanha, sugere o senhor Kruschchev que Berlim seja considerada uma cidade livre.

Mas que tratado de paz esse, em que um povo não pode ser senhor dos seus destinos?

Em nome de que direito se pretende fazer de uma pátria duas pátrias, com um quisto no centro?

Não, senhor do Kremlin. Poderá o mundo subverter-se num mar de sangueira e de confusão, mas ou se pro-

(Continua na 4.ª página)

(Continua na 4.ª página)



Vista parcial de Vieira do Minho